A Liahona
36/3 MARÇO 1983

13

28

C1

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley
CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell
COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche
EXECUTIVO DO "INTERNATIONAL MAGAZINE":
M. Russel Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.
EXECUTIVO DE A LIAHONA:
Gelson Pizzirani, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da C. Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

A Liahona

MARÇO DE 1983
PBMA0551
S. PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1 — Mensagem da Primeira Presidência: O EVANGELHO DO ARREPENDIMENTO, Presidente Spencer W. Kimball
8 — A Ovelhinha de Argila, Russel Osmond
10 — A Receita que Salvou Nosso Casamento, Judith Long
14 — Perguntas & Respostas, Roy W. Doxey e Kenneth H. Beesley
24 — Conversa com a Presidência Geral da Sociedade de Socorro Honra teu Pai e tua Mãe, Élder Hugh W. Pinnock
27 — Mormonismo
28 — O Sonho de Cody, Richard M. Romney
32 — Provar a Doçura do Servir, Janet Thomas
35 — O que há de Errado em Ser "O Povo Adquirido"?, Élder William G. Bangerter

SEÇÃO INFANTIL

I — De um Amigo para Outro, Barbara B. Smith, Presidente da Sociedade de Socorro
IV — Troféu, Betty Lou Mell
VIII — Só para Divertir

NOTÍCIAS LOCAIS

I Homenagem ao Presidente Kimball em Seu Octogésimo Oitavo Aniversário
V O Planalto Central Brasileiro Ganha a Sua Segunda Estaca
V Estaca Alegrete-Brasil Um Desafio para os Líderes
VI Brasília a Jovem e Bela Capital do Brasil
IX Feira de Artesanato da Estaca Rio de Janeiro-Andaraí
IX Uma Feira Especial
X Portugal que Nós Conhecemos
XI Mórmon Destaca-se na São Silvestre
XII Casamento do Tita
XII Em Busca da Verdade
XIII Experiência Maravilhosa
XV Vale a Pena Provar ao Senhor?

CAPA

Conversa com a Presidência Geral da Sociedade de Socorro, p.
NOTA DA CAPA: A presidente geral da Sociedade de Socorro, Barbara B. Smith, centro, com suas conselheiras: Irmã Marian R. Boyer, à esquerda, e Irmã Shirley W. Thomas, além de representantes da irmandade mundial da Sociedade de Socorro. (Foto de Eldon K. Linschoten.)

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D. P. F., sob o n.º 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 800,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência **Cr$ 80,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereços.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: Linoart Ltda. - Rua 13 de Maio, 71 - Fone: 256-1588 (PABX). Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manuel Carneiro da Silva, 241 - Fone 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

O Evangelho do Arrependimento

Presidente Spencer W. Kimball

Somos imensamente gratos pelo evangelho do arrependimento com que nos abençoou o Pai Celestial. Ele é essencial no plano do evangelho. O arrependimento é a lei do progresso do Senhor, seu princípio de desenvolvimento e plano de felicidade. Somos profundamente gratos pela promessa definitiva de que pecado e erro podem ser seguidos de sincero e suficiente arrependimento, que por sua vez será recompensado com o perdão.

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei." (Mateus 11:28.)

O glorioso do arrependimento é que as escrituras estão repletas da promessa do Senhor de que nos perdoará e de mandamentos para nos arrependermos, modificar nossa vida e colocá-la em sintonia com seus maravilhosos ensinamentos.

Deus é bom, e está sempre pronto a perdoar. Ele quer que nos aperfeiçoemos e nos dominemos. Não quer que nossa vida seja con-

trolada por Satanás e outros. Precisamos aprender que guardar os mandamentos do Pai Celeste é o *único* meio de autodomínio total, o único caminho para encontrar alegria, verdade e satisfação nesta vida e na eternidade.

Assim, aos que receberam essas verdades novamente nesta dispensação, o Senhor ordenou: "Pregai somente arrependimento a esta geração; guardai meus mandamentos e auxiliai a trazer à luz a minha obra, de acordo com meus mandamentos." (D&C 6:9.) Portanto, sois chamados para proclamar arrependimento a este povo." (D&C 18:14.) E quando os primeiros santos se dirigiam ao Missouri, o Senhor instruiu os líderes:

"Que preguem pelo caminho e em todos os lugares testifiquem quanto à verdade, e ao arrependimento convidem o rico, o soberbo, os humildes e os pobres.

"E, se os habitantes do mundo se arrependerem, que edifiquem igrejas." (D&C 58:47-48.)

Hoje é o dia de nosso arrependimento, o dia de cada um avaliar cuidadosamente nossa situação e modificar nossa vida, se necessário.

Quando cometemos um erro, temos de passar pela estrada do arrependimento. Necessitamos ter um testemunho pessoal desse princípio que nos conduz ao perdão. Todos precisamos compreender que o arrependimento pode ser aplicado em nossa vida como na de outros. Assim, pois, a missão de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é chamar o povo ao arrependimento, para que este possa conhecer a alegria da vivência do evangelho. O brado de arrependimento é dirigido a toda nação, tribo, língua e povo.

O arrependimento é a lei de progresso do Senhor, seu princípio de desenvolvimento e plano de felicidade.

Não nos desculpamos de erguer a voz para um mundo que se entrega ao pecado. O adversário é hábil e sutil. Ele sabe que não pode induzir homens e mulheres de bem imediatamente a transgressões mais graves; por isso age sorrateiramente, espalhando meias-verda-

des até convencer suas pretendidas vítimas.

Como os pecados de outrora continuam a existir, o Senhor voltou a falar:

"Não matarás...

"Não furtarás...

"Não mentirás...

"Não cometerás adultério...

"Não falarás mal do teu próximo...

"Se tu me amas, me servirás e guardarás todos os meus mandamentos.

"E eis que tu te lembrarás dos pobres, e para o seu sustento consagrarás das tuas propriedades, tudo quanto tens para dar...

"E novamente, em teu coração não terás orgulho...

"Não serás ocioso...

"Juntos habitareis em amor...

"Tomarás para o governo da Igreja as coisas que recebeste, as quais te foram dadas por lei, em minhas escrituras;

"E o que fizer de acordo com estas coisas, será salvo, e o que não as fizer, será condenado, se assim continuar." (D&C 42:18-30, 40--60.)

Os pecados sexuais estão entre as transgressões de nossa geração. Filmes, televisão, músicas populares, livros, revistas, todos eles tragicamente apregoam o pretenso encanto das perversões sexuais. Parecem pregar que *nada é sagrado,* nem mesmo os votos matrimoniais. A mulher sensual é transformada em heroína, é justificada; o herói libidinoso é retratado como incapaz de fazer algum mal. Isto nos faz lembrar de Isaías que diz: "Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal." (Isaías 5:20.)

Os ensinos fundamentais do Senhor não mudam, são os mesmos ontem, hoje e sempre. Ainda que os povos do mundo se voltem para o mal, a Igreja do Senhor não pode e não há de mudar os ensinamentos do Mestre.

Somos gratos ao Pai Celeste pelo dom do arrependimento. E como é triste quando não reconhecemos que todo dia é dia de fazer os necessários ajustes: "Mas ai daquele a quem foi dada a lei, que tem todos os mandamentos de Deus, como nós os temos, e que os transgride e desperdiça os dias de sua provação; pois que seu estado será terrível." (2 Néfi 9:27.)

Quando começa o processo do arrependimento, deve haver uma profunda consciência de culpa; e é dessa consciência que nasce o sofrimento mental, espiritual e às vezes mesmo físico. Para poderem viver consigo mesmos os transgressores são obrigados a escolher entre duas alternativas. A primeira, embotar a consciência ou sensibilidade com tranqüilizantes mentais e continuar transgredindo. Os que escolhem esta alternativa tornam-se calejados e perdem o desejo de arrepender-se. A segunda é que o remorso os conduza ao sofrimento, ao arrependimento e, finalmente, a um possível perdão.

Lembrem-se de que não há perdão sem arrependimento. E o arrependimento é impossível até a pessoa admitir e reconhecer honestamente suas ações, sem desculpas ou justificativas. Ela precisa admitir para si mesma que pecou, sem a mínima tentativa de minimizar a ofensa ou racionalizar sua gravidade. Tem de admitir a real seriedade de seu erro e não pretender classificá-lo de ninharia. Quem decide enfrentar o fato e transformar a vida, a princípio poderá achar o

arrependimento difícil, mas logo perceberá ser infinitamente mais desejável, quando provar de seus frutos.

Diz Paulo, o apóstolo: "Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação." (II Coríntios 7:11.) Uma vez que entendemos como nos prejudicamos a nós próprios e a outros, e lamentamos o que fizemos, estamos prontos para o processo que nos livrará dos efeitos do pecado.

O passo seguinte no processo do arrependimento é abandonar o pecado. O Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith: "Por este meio podereis saber se um homem se arrependeu de seus pecados, eis que ele os confessará e os abandonará." (D&C 58:43.) E à adúltera, disse o Mestre: "Vai-te, e não peques mais." (João 8:11.)

A oração é importante durante todo o processo de arrependimento, mas neste ponto é vital. Abandonar o pecado exige freqüentemente afastar-se de pessoas, lugares, coisas e situações associados à transgressão. Isto é fundamental. Substituir um mau ambiente por outro bom, ergue uma barreira entre o penitente e a transgressão passada.

O passo a seguir, confessar o pecado, é um aspecto importante do arrependimento. Precisamos confessar e admitir o pecado a nós próprios e depois começar seriamente o processo do arrependimento. Temos de confessar os pecados também ao Pai Celestial. Transgressões particularmente graves, tal como pecado sexual, precisam ser confessadas igualmente ao bispo.

O processo do arrependimento se inicia quando a pessoa busca o Senhor em "fervorosa oração" como fez Enos. A seguir, se preciso, ela procura o bispo. O Senhor tem um plano consistente, ordenado para abençoar-nos nessa grande lei de progresso e desenvolvimento, o arrependimento. A todo membro da Igreja é dado um bispo ou presidente de ramo que, por seu chamado ou ordenação eclesiásti-

Abandonar o pecado exige freqüentemente abandonar pessoas, lugares, coisas e situações associados à transgressão.

ca é um "juiz em Israel". Na questão do arrependimento, o bispo é nosso melhor amigo terreno, quem opera com o Espírito do Senhor abençoando nossa vida e guardando confidência de tudo.

Depois de haver lamentado, abandonado e confessado o pecado, vem o grande princípio da reparação. A pessoa procura reparar, na medida do possível, o dano que causou. Se roubou, devolve o que foi roubado. Se prejudicou alguém com mentiras ou mexericos, faz o possível para restabelecer a verdade.

Talvez uma das razões da suma gravidade do assassínio seja a impossibilidade de se restituir a vida roubada. Reparação plena não é possível, como também é impossível restituir a virtude roubada. Entretanto, o penitente procurará reparar o mal feito da melhor forma possível. O Profeta Ezequiel ensina: "Restituindo... (o) ímpio... o furtado, andando nos estatutos da vida e não praticando iniqüidade, certamente viverá." (Ezequiel 33:15.)

O último passo no cumprimento da vontade do Senhor é vital. O Senhor informou o Profeta Joseph Smith nestes últimos dias:

"Eu, o Senhor, não posso encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância.

"Entretanto, aquele que se arrepende e faz a vontade do Senhor, será perdoado." (D&C 1:31-32.)

A promessa do Senhor é certa: "Se fizeres o bem, sim, e te conservares fiel até o fim, serás salvo no reino de Deus." (D&C 6:13.)

Quando alguém procura pôr sua vida em total sintonia com os ensinamentos do Pai, suas boas obras são evidência do arrependimento. Diz o Senhor, em verdade:

"Por seus frutos os conhecereis. Porventura se colhem uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?...

"Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar frutos bons...

"Portanto, pelos seus frutos os conhecereis." (Mateus 7:16,18,20.)

Se necessário, buscamos uma total transformação de pensamento, ideais, padrões e atos a fim de poder cumprir a designação recebida do Salvador: "Quisera que fôsseis perfeitos, assim como eu ou como o vosso Pai que está nos céus é perfeito." (3 Néfi 12:48.) Isto exige que façamos tudo ao nosso alcance. Se alguém deixa de pagar o dízimo, falta às reuniões, não santifica o dia do Senhor ou falha em orar ou outras responsabilidades, não está verdadeiramente arrependido. O Senhor conhece, como nós também, se estamos ou não satisfazendo plenamente esses aspectos fundamentais da lei do arrependimento, que na verdade é a lei do progresso e realização do Senhor.

Essa transformação deve levar-nos a uma maior preocupação com os outros, até mesmo desejando-lhes as mesmas bênçãos que estamos usufruindo. Na verdade, o Senhor diz-nos afetuosamente que nossos pecados são perdoados mais facilmente quando somos diligentes em testemunhar ao mundo e trazer-lhe almas. (Ver D&C 84 61.)

O arrependimento é uma lei gloriosa e misericordiosa. Milhões dos filhos de nosso Pai Celeste em todas as épocas aplicaram com sucesso esse maravilhoso princípio, para alegria e benefício próprio. Não devemos fazer da mesma ma-

Quando estamos desalentados, basta recorrer ao Pai Celestial e pedir ajuda. Ele nos ajudará!

neira? Milhões de santos encontraram a paz e levaram uma vida bela, satisfatória e abundante tendo como guia o evangelho do arrependimento para seu progresso pessoal e harmonia com Deus.

O Senhor, porém, deixa bem claro que se nos não arrependermos seremos disciplinados, perdendo bênçãos e progresso. O Senhor ensina que não pode perdoar ninguém *em* seus pecados; pode apenas salvá-lo *dos* efeitos dos pecados que abandonou dizendo claramente: "O meu sangue não os purificará se eles não me ouvirem." (D&C 29:17.) Neste caso, *ouvir* significa aceitar e guardar seus ensinamentos.

"Portanto, ensina a teus filhos que todos os homens, em todas as partes, devem arrepender-se ou de nenhuma maneira herdarão o reino de Deus, porque ali não pode morar coisa imunda, nem em sua presença." (Moisés 6:57.) A grandiosa e miraculosa expiação do Redentor não pode exercer todo seu impacto salvador a menos que nos arrependamos. Isto, o Mestre nos diz, de maneira amorosa ainda que franca:

"Portanto, ordeno que te arrependas; arrepende-te, para que... e os teus sofrimentos (não) sejam dolorosos — quão dolorosos tu não o sabes, nem quão pungentes, sim, e nem quão difíceis de suportar.

"Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que arrependendo-se não precisassem sofrer...

"Sofrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros; sofrer tanto corporal como espiritualmente...

"Todavia, glória ao Pai, eu tomei a taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens." (D&C 19:15-19.)

Quão gratos devemos ser ao Senhor por haver terminado as preparações em nosso favor! Agora cabe a nós terminar *nossas* preparações em proveito próprio — aproveitando seu carinhoso per-

dão, recompensa que deseja dar a todos os que se arrependem sinceramente.

Quando estamos desalentados, basta recorrer ao Pai Celeste e pedir ajuda. Ele nos ajudará! Ele prometeu fazê-lo e cumpre o que promete. Assim, pois, enquanto o Espírito lutar conosco, haverá esperança. Mas quando dizemos: "É assim que quero viver", ou "Eu sou diferente", ou "Deus me fez assim" ou "A culpa é de meus pais ou minha criação", chegamos a um ponto trágico de nosso relacionamento conosco mesmos e Deus.

Se buscarmos seriamente o auxílio do Pai Celestial e aplicarmos os passos da doutrina do arrependimento, encontraremos paz e alegria nesta vida e também na eternidade.

É uma grande oportunidade receber a paz do arrependimento e a alegria do perdão, e a seguir ensinar o mesmo caminho aos outros. Uma vez encontrada a paz, devemos prestar testemunho dela e ensinar nossos semelhantes a maneira de obtê-la. Isto fazemos sendo pacientes, mansos e humildes, e tendo o puro amor de Cristo por todos os semelhantes. Este é o nosso chamado como santos dos últimos dias, nossa grande alegria e bênção.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Pontos que Merecem Ênfase. Você poderá ressaltar estes pontos na mensagem de ensino familiar:

1. *Deus está sempre pronto a perdoar. Deseja que nos aperfeiçoemos e tenhamos autodomínio.*
2. *O arrependimento começa com um profundo senso de culpa. E isto é impossível se não admitimos nossos erros sem desculpas ou pretensas justificativas.*
3. *Para abandonar o pecado, muitas vezes é preciso que nos afastemos de pessoas, lugares, coisas, situações associados à transgressão.*
4. *Temos de confessar e admitir nossos pecados a nós mesmos e ao Pai Celestial. Erros graves precisam ser confessados também ao bispo.*
5. *Precisamos reparar os erros da melhor forma possível. Depois, uma vida de boas obras provará nosso arrependimento.*
6. *O Senhor não nos pode perdoar* em *nossos pecados; pode apenas salvar-nos* dos *pecados abandonados. E a expiação do Salvador não exerce seu pleno impacto a menos que nos arrependamos.*
7. *Buscando seriamente o auxílio do Pai Celestial e aplicando os passos do arrependimento, encontraremos paz e alegria nesta vida e na eternidade, também.*

Sugestões para a Mensagem:

1. *Conte o que sente ou alguma experiência a respeito da bênção do arrependimento. Peça aos familiares que compartilhem seus sentimentos.*
2. *O artigo contém passagens de escritura ou citações que a família poderia ler em voz alta e depois debater?*
3. *Não seria melhor abordar esse assunto conversando primeiro com o chefe da família antes da visita?*

A Ovelhinha de Argila

Russel Osmond

Em minha mesa há uma pequena ovelha de argila, já levemente lacerada. Ela tem seu lugar assegurado para lembrar-me da verdadeira razão por que me levanto pela manhã.

Em princípios dos anos setenta, encontrava-me servindo num grande centro de treinamento da Força Aérea Norte-Americana, povoada principalmente por solteiros solitários e, às vezes, inseguros. Procurando atender seus anseios, minha esposa, Kathleen, e eu resolvemos realizar toda semana uma noite familiar especial. Assim, cada domingo à noite nossa sala-de-estar ficava apinhada com uns sessenta a setenta jovens, muitos deles frustrados e sem raízes, que vinham ali conversar, brincar com nossos filhos e matar um pouco as saudades de casa. Nós costumávamos cantar, fazer alguns jogos, ou ocasionalmente debates sérios, além das guloseimas. A intenção era simplesmente lhes mostrar que tinham valor e dispunham de um lugar para ficar à vontade.

Depois de vários meses, minha esposa e eu decidimos fazer uma experiência incomum, pedindo aos

Ilustrado por Roger Gylling

nossos jovens amigos que expressassem o significado da noite familiar para eles. Tendo providenciado lápis de cor, papel, tesouras, lápis, argila etc., pedimos que escolhessem qualquer desses materiais para se expressar. A seguir deixamos que ficassem à vontade por cerca de quarenta e cinco minutos.

Foi uma noite memorável, repleta de risos, recordações e sérias reflexões pessoais. Todos tiveram sua vez lendo uma poesia, mostrando um quadro, explicando um desenho ou simplesmente falando numa roda de amigos.

Entre aqueles jovens, entretanto, havia dois totalmente diferentes dos demais. Um deles, estouvado, turbulento e nada simpático, pouco apreciado pelos colegas, compôs um poema delicado e sensível, usando terminologia matemática, que ninguém entendeu a não ser ele próprio. Nós, porém, sabíamos que lhe déramos um meio de expressar-se livremente, e o incentivamos a fazê-lo. Com isso, passou a sentir-se à vontade e seguro. Meses mais tarde descobrimos que aquela noite possivelmente evitara que se suicidasse. Estava profundamente deprimido, e aquela experiência mostrara-lhe que valia a pena viver. Soubemos disso quando nos telefonou da Turquia para nos agradecer. De alguma forma, isso fez valer a pena uma porção de sacrifício.

O outro jovem, John, era extremamente calado. Sempre que vinha às nossas reuniões, ficava sentado num canto sem abrir a boca. Mesmo que outros procurassem incluí-lo na conversa, ele não respondia. Kathleen e eu passamos a convidá-lo em outros dias da semana, mas ele não aparecia. Tentamos de tudo para que se abrisse e notasse que tinha valor. Nada. Estávamos muito preocupados com ele, pois aparentava sintomas de um iminente retraimento total, e não tínhamos idéia de como romper aquela muralha, fazê-lo perceber nosso interesse e que tinha para oferecer ao mundo mais que as divisas em sua manga. Naquela noite familiar especial, John nos mostrou que não havia mais motivo de preocupação.

Assim que fizemos a proposta, pegou um pouco de argila e refugiou-se num canto da sala. Ficou lá muito quieto, praticamente a noite inteira, modelando. Vez por outra sorria, quando alguém apresentava sua obra. Em geral, não dava mostras de emoção alguma, nem falou uma só palavra. Assim, quando todos haviam contribuído menos ele, insistimos que se manifestasse. Para surpresa nossa, John levantou-se e disse:

"Na Bíblia conta-se a história de um pastor que perdera uma de suas ovelhas. Esse pastor, segundo a história, ficou muito preocupado, tão preocupado que largou o rebanho inteiro a fim de procurar a ovelha perdida. Sinto-me como se fosse a ovelha perdida e vocês me encontraram. Gostaria de dar-lhes esta ovelhinha de argila como prova de minha gratidão."

Depois sentou-se. Ninguém disse uma só palavra. Duvido que havia um único olho seco na sala.

Não consigo imaginar uma razão melhor para levantar-me pela manhã do que apascentar as ovelhas do meu Pai. Por isso conservo a ovelhinha de John em minha mesa de trabalho, sempre.

A Receita que Salvou Nosso

"Vamos fazer este casamento funcionar, ou não?", perguntou meu marido.

Casada havia sete meses e grávida de seis, eu estava sentada na cama, com lágrimas correndo pelas faces e manchando minha camisola. Nem consegui responder!

Jim, primeiro-tenente da Marinha dos Estados Unidos, semana sim semana não partia de San Diego, Califórnia, para uma semana em alto mar a bordo de seu destróier. Ele adorava o trabalho, seus companheiros no navio e voltar para junto de sua bem-amada. Mas eu estava na pior! Tendo de ficar só semana sim semana não numa cidade estranha, sem amigos, sem parentes e (como eu era inativa) sem o apoio da Igreja, muitas vezes caia em profunda depressão. A costumeira indisposição matinal e cintura disforme também não melhoravam meu estado de espírito. Eu estava como que num beco sem saída!

Ao fim de cada semana "no mar", Jim voltava otimista, esperando encontrar uma esposa alegre e sorridente. Depois de tantos dias de solidão, entretanto, eu não tinha nada de cativante, e a atmosfera em nosso pequeno bangalô

Ilustrado por Keith Christensen

Casamento Judith Long

alugado tornava-se pesada e triste. Eu vivia cheia de dúvidas. Não mais tinha certeza de amá-lo. Ele parecia não ligar para mim e minhas necessidades. Seria isto a apregoada bem-aventurança marital? Já havíamos procurado discutir o assunto, mas sempre resolvemos só problemas superficiais, e não o verdadeiro.

Agora, sentados ali na cama, encarando-nos de frente, nosso relacionamento estava seriamente abalado. O que fazer? Surgiu a palavra *divórcio*. Seria isto mesmo o que queríamos? Tinha tamanho sentido de definitivo, irrevogável que nos fez recuar involuntariamente. Mas, como resolver nossa situação?

Ficamos sentados em silêncio, ponderando. Finalmente Jim falou, levantando os olhos:

"Judith, acho que nosso problema tem muito a ver com egoísmo. Você está disposta, honestamente, a fazer uma experiência? Nos próximos trinta dias, pensarei unicamente em você e suas necessidades, e você pensará só em mim e minhas necessidades. Se no fim desse tempo nosso casamento não tiver melhorado, . . . procuraremos outra solução."

Concordei. Eu tinha fome e sede de felicidade.

"Mas temos de nos acautelar de uma coisa", advertiu Jim. "Não devemos julgar as ações do outro de acordo com nossos desejos. O que esperamos poderá estar muito além do que recebemos, deixando-nos desapontados. Temos de nos concentrar totalmente no que podemos fazer pelo outro."

Na manhã seguinte, pulei cedo da cama com olhos sonolentos e lutando com as náuseas, a fim de preparar o lauto desjejum que Jim tanto gostava. Eu preferia dormir até mais tarde e comer qualquer coisinha. Assim mesmo, preparei um desjejum caprichado. Sentindo o aroma dos meus esforços, Jim chegou na cozinha sorridente. Decidi que valia a pena levantar cedo, apesar das náuseas e vontade de dormir!

"Querida, mal posso esperar a hora de levantar de manhã para ver as delícias que preparou. Você é uma excelente cozinheira e eu adoro isso!"

Com tal incentivo, meus desjejuns continuaram a melhorar — e minha vontade de prepará-los.

A segunda mudança ocorreu durante as longas ausências de Jim.

Comecei a fazer longas caminhadas diariamente, procurei conversar com o dono da mercearia e sua mulher, dediquei-me a ler bons livros e ouvir boa música, combatendo qualquer assomo de autopiedade. As sextas-feiras exigiam cuidadosos preparativos. Eu sabia que em seu otimismo esperava ver-me sair correndo ao seu encontro — então eu corria. E depois o levava para casa e lhe oferecia uma refeição caprichada. E os tempos românticos renasceram! Uma noite ele comentou:

"Eu gostaria de ir ao cinema. E você?"

Na verdade estava exausta e com vontade de deitar cedo. Mas lembrei-me do nosso acordo e fui apanhar um agasalho. A pior parte é, provavelmente, fazer o que não se tem vontade de fazer, sem ficar contrariado. Descobri que é tudo uma questão de atitude. Quando se tem um desejo autêntico de agradar o outro, o incômodo torna-se insignificante.

Naturalmente Jim também contribuiu para mudar nosso casamento. Cumpriu sua parte do acordo, procurando agradar-me da melhor forma possível, principalmente no aspecto da atenção pessoal. As massagens de cinco minutos para aliviar a dor nas pernas e nas costas estenderam-se para uma hora, acalmando não só meu corpo mas também os nervos. Arranjava mais tempo para conversar e sair comigo — tirando-me das quatro paredes para tomar sol na praia ou passeios e piqueniques no parque. E dava mais atenção aos meus sentimentos e problemas físicos. Percebeu a fragilidade de meu senso de autoconfiança, passou a mencionar mais vezes minhas virtudes a fim de animar meu ego.

Embora tivesse na época apenas vinte e três anos, Jim comandava cem homens no navio — homens que lhe prestavam continência e cumpriam suas ordens. Cheguei a suspeitar, às vezes, que esperava o mesmo de mim. Felizmente, durante nossa experiência de trinta dias, abrandou sua maneira de tratar-me. Ao fim de duas semanas, comecei a sentir-me querida, apreciada e amada.

Nosso acordo "extremo" exigia ter sempre em mente as necessidades do outro; significava perguntar-nos diariamente: "O que posso fazer por ele/ela? Como posso agradá-lo/la?" Significava, para ambos — eliminar completamente qual-

quer resquício de "Eu quero!", "E eu?" e "Por que ele/ela não...?"

A princípio, as mudanças em nosso casamento foram apenas de atitude, porém baseadas no desprendimento, e a compreensão e aceitação desse princípio dirigiam nossas ações. Fazíamos todo o possível para agradar o outro e assim fomos descobrindo as raízes do genuíno amor. Só era preciso dar em lugar de tomar; pensar no outro e não em si; desejar agradar em lugar de receber agrados.

Um ano mais tarde, um amigo de mais idade contribuiu com um pouco de sua sabedoria para nossa receita: "Pensem no casamento como se fosse um jarro vazio. Cada ato de bondade põe nele uma colher de açúcar; e todo ato egoísta retira uma colher. Ao final de cada ano, o jarro estará vazio ou cheio a ponto de transbordar? Seu casamento será amargo ou doce?"

Aprender abnegação não permitia descanso de nossa parte; pelo contrário, requeria um esforço constante. Sinais de alarma eram fáceis de perceber, e no decorrer dos anos às vezes tivemos de voltar ao nosso acordo "extremo" para aprimorar nossa conduta.

Depois de estar casada havia seis anos, obtive o testemunho da veracidade do evangelho. Não tenho dúvidas de que nosso esforço anterior de servir e agradar um ao outro foi responsável, pelo menos em parte, de Jim resolver pesquisar o evangelho e receber os missionários. Eu me reativei e Jim foi batizado. Um ano depois, fomos selados no templo.

Os seis anos seguintes passaram voando e nosso casamento continuou a melhorar com a aplicação dos princípios do evangelho.

Então, certa noite, Jim voltou de uma aula do instituto e perguntou-me o significado de vários termos que ouvira.

— Você sabe o que significam?

— Não faço a mínima idéia, — respondi.

Então nos ocorreu uma suspeita terrível, assombrosa — não compreendíamos plenamente as doutrinas do evangelho que professávamos aceitar; nosso conhecimento dele era apenas superficial, insignificante.

Iniciamos imediatamente um programa de estudo intensivo. Voltamos ao princípio, procurando entender fé, batismo, arrependimento e o dom do Espírito Santo. Tiramos férias com o propósito expresso de estudar juntos, passando semanas ou fins-de-semana em locais sossegados onde pudéssemos descansar, pesquisar, orar e meditar.

O entendimento e progresso aconteceu em saltos súbitos, bem como linha sobre linha. Nosso empenho voltou a exigir abnegação, em detrimento de outros interesses, às vezes, a fim de poder crescer e avançar juntos e compartilhar o que aprendemos com nossa família. O atraso de um importava no atraso de todos, e nenhum de nós queria ser culpado disso.

Hoje, servir e estudar o evangelho continua ocupando um lugar de destaque em nossa vida. Remontando ao princípio, nossos primeiros sucessos parecem pequenos. Mas sempre nos lembraremos do débil raio de luz recebido por um casalzinho desesperado, certa noite de inverno. O evangelho nos confirmou que abnegação e serviço são sem dúvida uma parte vital da receita de nosso Pai Celeste para a permanência do casamento.

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamentos oficiais da Igreja.

Kenneth H. Beesley

P. *Somos aconselhados a ter uma reserva de alimentos, roupas e, se possível, combustível suficiente para um ano. Poderia explicar a aparente discrepância entre esta recomendação e 3 Néfi 13:26?*

R. *Kenneth H. Beesley, diretor de Transportes e Serviços Internacionais do Departamento Gerencial de Materiais da Igreja; ex-diretor dos Serviços Gerais e Administrativos do Departamento de Serviços de Bem-estar da Igreja.*

Não existe nenhuma discrepância se 3 Néfi 13:26 ("Olhai as aves do céu que não semeiam nem segam, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai Celestial as alimenta.") ou Lucas 12:22-34 são considerados no devido contexto. Essas palavras, que incluem um trecho do Sermão da Montanha (ver Mateus 6:25-34), não se distinavam aos membros em geral da Igreja, mas exclusivamente aos apóstolos e alguns discípulos chamados como missionários. A eles se recomendava que deixassem seus afazeres diários, dedicando-se unicamente à pregação do evangelho. O mesmo se espera hoje das pessoas chamadas para autoridades gerais da Igreja ou missionários de tempo integral.

"Nunca houve nem há hoje qualquer chamado aos santos em geral para que vendam o que possuem (ver Lucas 12:33) . . . e deixem de se importar com as necessidades temporais, presentes ou futuras. Pelo contrário, como parte da provação mortal, o genuíno seguidor do Mestre deve prover seu próprio sustento e de seus familiares." (D&C 75.) (Bruce R. McConkie, *Doctrinal New Testament Commentary,* 1:243.)

Não há necessidade de questionarmos a recomendação dos líderes concernente à preparação nos últimos quarenta anos. Essa reco-

mendação é repetida virtualmente em toda conferência geral. Ainda na conferência geral de abril de 1980, por exemplo, dizia o Bispo Victor L. Brown, bispo presidente da Igreja:

"O princípio fundamental dos serviços de bem-estar é *cada um prover seu próprio sustento.* Em caso de séria crise econômica, a Igreja fará todo o possível para minorar as dificuldades, suplementando o esforço dos membros. Não estará em condições de fazer pelos santos o que nos vem sendo ensinado há mais de quarenta anos — isto é, termos uma reserva de mantimentos, roupas e combustível para um ano, além de economias e conhecimentos básicos de produção doméstica. Esse conselho vem sendo dado pelo menos duas vezes ao ano. Alguns seguiram o conselho das autoridades gerais e estão preparados como as cinco virgens sábias. Outros, à semelhança das virgens néscias, não dispõem de óleo suficiente para suas lâmpadas. (V. Mateus 25:1-13.)" (*A Liahona,* outubro de 1980, p. 149.)

Como santos dos últimos dias, somos aconselhados a ter uma horta, a costurar e produzir outras utilidades domésticas. Seria muito útil aprendermos a fazer conservas, congelar e desidratar alimentos. E ter uma reserva de mantimentos, roupas e combustível, suficiente para um ano, onde for permitido e economicamente viável. Em nossas atuais condições econômicas, torna-se cada vez mais importante ter alguma reserva em dinheiro. Quase todos somos obrigados a pagar aluguel e prestação da casa. Em caso de desemprego, doença ou morte, quase sempre surge necessidade imediata e contínua de dinheiro para as despesas mensais e outras imprevistas, como médicas, legais, fúnebres etc.

Diz o Presidente Spencer W. Kimball: "Aprecio como a Sociedade de Socorro ensina a preparação pessoal e familiar — 'viver previdente'. Isto implica cuidadosa administração de recursos, planejamento sábio de assuntos financeiros, cuidado com a saúde pessoal e preparo para o desenvolvimento profissional, dando a devida atenção à produção e ao armazenamento doméstico, bem como ao desenvolvimento de resistência emocional." (*A Liahona,* fevereiro de 1978, p. 105.)

Somos também avisados a nos preparar para quando pudermos servir como missionários. Quando tal chamado chegar, seremos obrigados a deixar de lado nossos afazeres normais por algum tempo, dedicando todos nossos talentos, recursos e tempo à obra missionária.

Ray W. Doxey

P. *Gostaria de que me ajudasse a entender Doutrina e Convênios 107:36, que fala da autoridade dos sumo conselhos de estaca.*

R. *Roy W. Doxey diretor de Departamento de Correlação:*

Quando penso nos conselhos da Igreja, lembro-me deste pronunciamento do Presidente Stephen L. Richards, conselheiro do Presidente David O. McKay:

"Pois bem, sei que não é possível qualquer organização ter êxito na Igreja sem que adote o caráter do governo da Igreja. E qual é ele? Conforme entendo, o caráter de nosso governo da Igreja é o governo através de *conselhos.* O Conselho da Presidência, o Conselho dos Doze, o Conselho da Presidência da Estaca ou quorum se preferirem, o Conselho do Bispado, e o Conselho do Quorum da Presidência. Já tive experiência suficiente para reconhecer o valor dos conselhos. Dificilmente se passa um dia em que não vejo a sabedoria, sabedoria divina na criação dos conselhos para governar seu reino. No espírito sob o qual trabalhamos, homens com pontos de vista aparentemente divergentes e origens diversas, podem reunir-se, e sob a ação desse espírito, através do conselho mútuo podem chegar a um acordo. E digo que esse acordo é sempre certo e representa a sabedoria do conselho, atuando sob a influência do Espírito. (Em *Relatório da Conferência,* outubro de 1953, p. 86.)

Embora o sumo conselho da estaca não seja mencionado nas palavras citadas, ele tem o mesmo valor.

Em 1835, quando foi revelada a seção 107 de Doutrina e Convênios, havia dois sumo conselhos — um em Ohio e outro no Missouri. O de Ohio foi o primeiro a ser organizado, sendo que a ata de sua organização está registrada na seção 102, servindo, em certos aspectos, de diretriz para os sumo conselhos de hoje, particularmente

quanto ao funcionamento dos tribunais. Como era o único sumo conselho da Igreja ao ser organizado (fevereiro de 1834), o sumo conselho de Kirtland era presidido pela Primeira Presidência e tinha jurisdição sobre toda a Igreja, colocando-o numa posição única. (Ver D&C 102:9-10.) Com respeito a esse sumo conselho, dizia o Presidente John Taylor:

"Em Kirtland, Ohio, muitas e muitas coisas foram reveladas através do Profeta. Havia então a Primeira Presidência que presidia o sumo conselho de Kirtland, o qual além do outro existente no Missouri, era o único sumo conselho. Conforme disse, o sumo conselho de Kirtland era presidido por Joseph Smith e seus conselheiros; e por isso certas coisas a ele associadas eram bastante peculiares. Consta que sempre que não conseguiam averiguar alguma coisa pertinente a qualquer princípio que poderia ser abordado no conselho, a presidência devia inquirir o Senhor e obter revelação a respeito dos assuntos que tinham dificuldade de compreender." (*Journal of Discourses,* 19:241.)

Assim pois, o sumo conselho de Kirtland, tendo jurisdição sobre toda a Igreja, diferia do sumo conselho no Missouri e dos sumo conselhos de estaca atuais. Presidido pela Primeira Presidência, o sumo conselho de Kirtland formava nos negócios da Igreja e em todas as suas decisões... um quorum igual em autoridade ao quorum da presidência (Primeira Presidência), ou sumo conselho viajante (os Doze Apóstolos)." (D&C 107:36.)

No versículo seguinte (37), o Senhor se refere ao sumo conselho no Missouri (Sião) que não era presidido diretamente pela Primeira Presidência, como sendo "igual em autoridade ao Conselho dos Doze, nas estacas de Sião". Assim, pois, esse conselho e qualquer outro sumo conselho de estaca de doze membros, citado como "Conselho dos Doze nas estacas de Sião", deviam ter posição igual entre si.

O crescimento da Igreja foi preordenado e previsto pela profecia. (Ver D&C 65:2.) Sabia-se que outras estacas seriam organizadas além das de Ohio e Missouri, pois o Senhor deixa claro em D&C 101:21 que "quando não houvesse mais lugar para eles (os santos)... então lhes designarei outros lugares que tenho, e que se chamarão estacas, para as cortinas ou a força de Sião".

Quando se organiza uma estaca, é organizado também um sumo conselho para auxiliar a presidência da estaca no governo da mesma. Nenhum desses sumo conselhos de estaca tem jurisdição sobre decisões da Primeira Presidência ou Quorum dos Doze. Sua jurisdição se restringe à respectiva estaca. Diz o Profeta Joseph Smith: "Nenhum sumo conselho permanente tem autoridade para visitar outras igrejas e regulamentar seus negócios, pois isto cabe aos Doze. Nenhum sumo conselho permanente será estabelecido unicamente em Sião ou uma de suas estacas." (History of the Church, 2:220.)

Além do mais, "o sumo conselho não tem nada a ver com os Doze, ou as decisões dos Doze. Mas se os Doze errassem, seriam responsáveis somente perante o Conselho Geral das autoridades supremas da Igreja, de acordo com as revelações". (Ibid. p. 285.)

Conversa com a Presidência Geral da Sociedade de Socorro

P. O que há de novo na Sociedade de Socorro, hoje?

Irmã Barbara B. Smith, presidente geral da Sociedade de Socorro: O dia 17 de março marca para nós a organização da Sociedade de Socorro em 1842, portanto há cento e quarenta e um anos. Esta é uma nova era para as mulheres, uma era de maiores oportunidades, mais opções de desenvolvimento pessoal e serviço, melhores possibilidades de expandir os horizontes da mente e do coração.

A Sociedade de Socorro apresenta-se com uma nova roupagem, hoje, integrando irmãs de muitos países e idiomas múltiplos. Os princípios universais do Evangelho de Jesus Cristo estão aproximando em muito o mundo.

Penso que o Senhor nos veio preparando para esta época, exortando-nos a obter conhecimento das "coisas daqui e de além-mar. . . e. . . também de nações e reinos". (D&C 88:79.) Há uma nova urgência para cada irmã comprometer-se a uma aprendizagem contínua. A Sociedade de Socorro é capaz de motivar e ajudar nessa aprendizagem.

Pergunta: Quantas mulheres pertencem hoje à Sociedade de Socorro? E qual o índice de crescimento desse número?

Irmã Mayola R. Miltenberger, secretária-tesoureira geral: Esse índice de crescimento é interessante. A Sociedade de Socorro começou, como sabem, com o número oficial de dezoito membros em sua orga-

nização em 1842. Cem anos depois, em 1942, ela contava 115.000 membros. Naquela época, nem todas as irmãs eram filiadas à Sociedade; hoje somos 1.600.000.

Em 1942, cerca de 91% dos membros viviam nos Estados Unidos e Canadá. Hoje aproximadamente 30% habitam outras partes do mundo, a maioria em áreas de fala espanhola.

Pergunta: Qual é a função da Sociedade de Socorro em relação ao sacerdócio?

Irmã Smith: A Sociedade de Socorro auxilia o sacerdócio da Igreja. O líder do sacerdócio responsável pelo funcionamento dos programas da Igreja em sua ala ou estaca delega à presidente da organização o trabalho da Sociedade de Socorro. Em encontros regulares com ele, ela submete à sua consideração planos e recomendações, relata progressos ou problemas e recebe conselhos e orientação.

Ela serve no conselho de correlação e comitê de serviços de bem-estar, sugerindo assuntos referentes à Sociedade de Socorro, ajudando a estimar necessidades e encontrar soluções, particularmente soluções que envolvam recursos da Sociedade de Socorro.

A função da Sociedade é ajudar a providenciar que as necessidades das mulheres sejam preenchidas e que seu serviço se desenrole em apoio e cooperação com o sacerdócio.

Pergunta: Nos últimos anos, algumas irmãs julgavam-se esquecidas por trabalharem no programa das Moças e da Primária. Houve alguma mudança de atitude nesse aspecto?

Irmã Smith: Sim, embora ainda restem motivos para preocupação. Sabemos que esses encargos são muito importantes, mas existem meios de as irmãs que servem no programa das Moças e da Primária participarem da Sociedade de Socorro, mesmo que impossibilitadas de comparecer às reuniões de domingo.

Irmã Marian R. Boyer, primeira conselheira na presidência geral: Todas as irmãs, por exemplo, podem comparecer às atividades em dias da semana e participar de projetos, oficinas e seminários.

A presidente da Sociedade de Socorro de nossa ala procurou as presidentes das Moças e da Primária para uma troca de idéias. As professoras da Primária e Moças desejavam estar mais a par do que acontecia na Sociedade de Socorro. As líderes da Sociedade muitas vezes precisavam de informações sobre necessidades que as líderes das duas outras organizações poderiam fornecer. Acabaram descobrindo que, com algum esforço de correlação, a presidência e outras líderes da Primária poderiam prestar serviço de solidariedade às professoras desta organização, satisfazendo assim seu desejo de servir suas companheiras e ainda participar da Sociedade de Socorro. Viram que o entendimento resultante do dialogar e trabalhar juntas, resultou em apreço maior pela importante contribuição de todas, e que quando as irmãs se encontravam nas reuniões de economia doméstica e outras atividades, renascia a satisfação de estarem juntas.

Pergunta: O que acha da adaptação das jovens quando passam do programa das Moças para a Sociedade de Socorro?

Irmã Smith: Achamos que as jovens de dezoito anos se mostram

bastante maduras e prontas para servir na Igreja como em suas oportunidades e responsabilidades intelectuais, cívicas e profissionais. Quando compreendem os diversos aspectos do programa da Sociedade de Socorro, ficam entusiasmadas. Em nossa ala, procuramos receber com alegria, as irmãs e lhes proporcionamos certa visão da história da Sociedade, de que se trata de uma organização divina dada às mulheres pelo Senhor. Elas recebem chamados de líderes e professoras na Sociedade de Socorro, e se tornam parte de uma herança centenária das mulheres da Igreja.

Esse ingresso na Sociedade de Socorro representa uma transição importante na vida da jovem, e temos muita satisfação em recebê-las em nossa organização e integrá-las num círculo de amigas leais e ajudá-las a realizar seu potencial de criatividade, serviço e progresso espiritual e intelectual.

Pergunta: O "viver previdente" é um tema importante na Igreja, hoje em dia. O que a Sociedade de Socorro está fazendo nesse sentido?

Irmã Smith: Há muitos anos a Sociedade de Socorro vem devotando considerável tempo e esforço ao ensino dos princípios do viver previdente. Seus princípios fundamentais são ensinados regularmente nas aulas da Sociedade, além dos conhecimentos práticos específicos ensinados nos minicursos. As atuais condições econômicas difíceis em todo o mundo ressaltaram a urgência de dominarmos esses princípios, e a Sociedade de Socorro oferece a todas as mulheres esse ensino continuamente.

Pergunta: Irmã Smith, a senhora costuma afirmar que "beleza é excelência, seja nas artes como no caráter pessoal". De que maneira podemos buscar a excelência? E como a Sociedade de Socorro pode ajudar-nos nesse sentido?

Irmã Smith: Nós alcançamos excelência na vida estabelecendo padrões pessoais. Depois, usando esses padrões como guia, nos esforçamos por melhorar o desempenho em tudo que fazemos. A Sociedade de Socorro nos ajuda nesse processo de busca da excelência de muitas maneiras; descrevendo a excelência conquistada por outros, as lições nos fornecem padrões para seguir; as reuniões e designações de economia doméstica nos ensinam como liberar e desenvolver talentos.

O programa da Sociedade de Socorro destina-se a nos dar oportunidades. Aceitando essas oportunidades, desenvolvemos talentos e fazemos coisas que achávamos impossíveis.

Pergunta: Quais as funções mais importantes das professoras visitantes?

Irmã Smith: A função mais importante das professoras visitantes é ajudar cada mulher a compreender que seu lar é sagrado. É vital que elas ajudem as irmãs a entenderem a importância de sua tarefa no lar. Diante do grande afluxo de conversos, as professoras visitantes exercem ainda um papel importante na integração das irmãs recém-batizadas na Igreja. Além disso, sem dúvida é uma excelente oportunidade de servir para muitas mulheres. *Toda* irmã pode servir, seja ativa, semiativa ou inativa; solteira, casada ou único membro da Igreja na família. Levando a mensagem do evangelho ao lar de outras irmãs, procurando preencher necessidades alheias, ela encontra opor-

"A função da Sociedade de Socorro é ajudar a providenciar que as necessidades das mulheres sejam preenchidas e que seu serviço se desenrole em apoio ao sacerdócio e em cooperação com ele."

tunidade de crescer espiritualmente. Com a aguçada sensibilidade para com as coisas do lar, as mulheres são freqüentemente um grande apoio para o bispo, porque conseguem perceber necessidades que doutra maneira talvez ficassem ignoradas.

Pergunta: Houve modificações na reunião de preparação das professoras visitantes, não é?

Irmã Shirley W. Thomas, segunda conselheira na presidência geral: Houve. As técnicas de comunicação que costumavam ser ensinadas nas reuniões de preparação das professoras visitantes foram incorporadas às aulas de serviço de solidariedade, dos quintos domingos, para que todas as irmãs tirem proveito delas.

O enfoque continua sendo em conceitos que ajudem as irmãs a terem um bom relacionamento com aquelas a quem servem; apenas foram ampliados a fim de abranger o escopo maior do serviço de solidariedade além do de professoras visitantes. Embora todas as lições da Sociedade de Socorro contenham um forte elemento compassivo, estas darão ênfase específica a maneiras de demonstrar amor em nosso serviço ao próximo um atributo necessário aos servos do Senhor.

As professoras visitantes entregarão seus relatórios de visitas a uma supervisora que, nas alas pequenas, pode ser a própria líder de Professoras Visitantes/Serviço de Solidariedade; nas alas maiores deve-se chamar uma irmã especialmente para esse serviço. Necessidades urgentes e assuntos confidenciais continuam sendo comunicados diretamente à presidente da Sociedade de Socorro.

"As líderes da Sociedade de Socorro muitas vezes precisam de informações sobre necessidades que as líderes da Primária e programa das Moças poderiam fornecer."

A entrevista pessoal com cada dupla de professoras visitantes, realizada pelo menos duas vezes ao ano pela presidente ou uma conselheira, adquire ainda maior importância que antes, por ser nessa oportunidade que a professora visitante presta contas de seu chamado; é também nessa ocasião que a presidente se informa do bem-estar dos membros da Sociedade de Socorro e pode influenciar positivamente a qualidade do serviço de professoras visitantes na ala.

Pergunta: Irmã Miltenberger, em outra entrevista com a presidência geral, a senhora destacou a importância do bom entendimento entre a presidente da Sociedade de Socorro e sua secretária. O que pensa disso agora?

Irmã Miltenberger: Vejo a presidente e a secretária-tesoureira numa perfeita integração de trabalho, na qual a última se encarrega, sob a direção da presidente, de muitos pormenores do planejamento executivo, poupando assim o tempo da presidente. Outros pontos importantes em que a secretária pode ajudar a presidente é lembrando-lhe assuntos pendentes, designações e decisões anteriores, e assuntos que necessitam de acompanhamento. O exame meticuloso da agenda após a reunião, anotando os assuntos resolvidos, designações feitas e assuntos que não chegaram a ser considerados, é uma função importante da secretária. A agenda seguinte começa com os assuntos pendentes ou inacabados, a fim de que nada seja esquecido. A secretária ajuda ainda a presidente sabendo onde procurar dados necessários e procurando informações específicas, quando solicitada. Com

isso ela melhora a eficiência da presidência.

Pergunta: Que qualidades específicas a irmã considera mais necessárias à mulher SUD?

Irmã Smith: Uma das qualidades mais importantes é saber avaliar. A mulher SUD precisa saber onde se encontra espiritualmente, aonde quer chegar e por que, e como consegui-lo. Ela precisa de serenidade, um indicador de maturidade espiritual. Precisa do mesmo tipo de força que as mulheres de outrora, que venceram as pradarias e colheram trigo a pedido do Presidente Brigham Young. Necessita de fortaleza e perseverança em face às provações e de disposição para usar suas forças em prol de objetivos nobres.

Pergunta: Devido à crescente internacionalização da Igreja, de que forma a junta geral da Sociedade de Socorro incentiva a versatilidade com que a Sociedade de Socorro em toda parte deve solucionar seus problemas?

Irmã Smith: Penso que o Senhor nos tem preparado para esta época e que todas precisamos compreender os princípios do evangelho e, ao mesmo tempo, respeitar a individualidade das mulheres de formação cultural diferente. Procuramos estabelecer o mínimo possível de diretrizes, mas as que estabelecemos devem ser respeitadas; é assim que unimos as irmãs da Sociedade de Socorro no mundo inteiro.

Pergunta: O que aconselha às mulheres que estão frustradas pelas múltiplas exigências de seu papel no lar, na Igreja, na comunidade, na profissão etc.?

Irmã Smith: A vida atarefada e diversificada pode ser emocionante, mas sem dúvida se torna frustrante quando os compromissos são excessivos. Precisamos procurar equilibrar nossa vida de tal maneira a manter o controle dela. Devemos determinar o que podemos fazer e o que não podemos, e não necessariamente querer fazer tudo o que os outros fazem. É preciso que seja uma experiência individual. Por outro lado, esperamos que as mulheres da Igreja se envolvam em projetos que tornem a vida emocionante e compensadora. Todo novo projeto renova sua vida, seja artesanato, o preparo de um novo quitute ou aprender algo de novo. Eu aconselharia às mulheres da Igreja que decidam piedosa e realisticamente o que *podem* fazer e *fazê-lo*.

"Podemos demonstrar amor no serviço ao próximo, um atributo necessário aos servos do Senhor."

HONRA TEU PAI E TUA MÃE

Élder Hugh W. Pinnock
do Primeiro Quórum dos Setenta

Lembro-me de um dia, quando tinha uns dezessete anos, meu pai me censurou, com razão, por alguma coisa que fizera. Aborrecido com a censura, voltei-me para papai e respondi:

— Hei, pai, chega. É a primeira vez que agi como um adolescente.

Papai, com rara percepção, rebateu: — Hugh, também é a primeira vez que estou agindo como pai.

Meu pai, talvez inconscientemente, ensinou uma grande lição. Como adolescente eu tinha responsabilidade para com meus pais e devia ser paciente com eles, assim como esperava que fossem compreensivos e pacientes comigo.

Durante a vida inteira, Jesus Cristo costumava mencionar seu relacionamento com o Pai Celestial, e ensinou aos discípulos: "Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou." (João 6:38.) Ele costumava lembrar aos seus companheiros: "Honra a teu pai e a tua mãe para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá." (Êxodo 20:12.) É um mandamento quase tão antigo como a religião formal. Foi dado não só a Israel antiga, mas repetido pelo Salvador ao homem que lhe perguntava: "Bom Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna?" (Mateus 6:16.) Entre os mandamentos reiterados pelo Salvador encontramos este: "Honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 19:19.) Mandamentos congêneres e com toda razão.

O Salvador nos ensinou a honrar e respeitar nossos pais terrenos, pois sabia que do que deles recebemos depende em grande parte o que seremos. Ensinou-nos, ainda, a todos, incluindo os pais, que deveríamos tornar-nos como "meninos" (Mateus 18:3), "porque dos tais é o reino dos céus". (Mateus 19:14.) Creio que ele espera dos pais que reforcem a absoluta pureza e inocência, a total ausência de fraude ou astúcia e outras virtudes cristãs que toda criança possui quando nasce nesta vida mortal.

Muitas atitudes a pessoa empresta diretamente dos pais. Quando pai e mãe lhe ensinam as vantagens de se ater ao Evangelho de Jesus Cristo, e o fazem com carinho, os filhos geralmente correspondem aceitando os ensinamentos e vivendo-os.

Um jovem amigo meu tinha um pai que era bispo. Ele costumava dizer que gostaria que o pai não fosse bispo para poder sentar-se com a família na reunião sacramental e passar mais tempo em casa. Com o passar do tempo, ele mudou de atitude. Honrava o pai

por tê-lo visto servir condignamente como bispo e a família de fato aprendera muito mais coisas e compartilhara ricas experiências espirituais que não teriam tido se o pai convivesse mais com os filhos em lugar de servir como bispo. O filho honrou o pai e seu chamado na Igreja, exatamente como honra a memória desse maravilhoso homem.

Às vezes os pais erram, levando o garoto, mocinha ou rapaz a perguntar: "Como posso honrar pais que fazem coisas erradas?" A resposta encontra-se, sem dúvida, nestas palavras do Salvador: "Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete." (Mateus 18:22.) Assim como esperamos ser perdoados por eles e por outros, temos a responsabilidade de perdoá-los quando erram.

Um adolescente, amigo meu, teve uma discussão violenta com o pai. Este, transtornado, saiu da sala e enquanto subia as escadas para o andar de cima, teve um ataque cardíaco e morreu. Meu amigo vivia repetindo como desejava ter honrado o pai e evitado aquelas palavras amargas.

Na escola e mais tarde na Universidade de Utah, na Cidade do Lago Salgado, tive oportunidade de conviver com Barbara Benson e outros filhos do Presidente Ezra Taft Benson. Quando conversava com Barbara, Bonnie, Mark ou Beth, sempre me impressionava o profundo respeito que tinham pelos pais. Certa ocasião Barbara disse: "É tão fácil respeitar meus pais por causa do profundo respeito que eles têm por nós."

Meses atrás, eu conversava com um dos melhores atletas que conheço e que acabara de apresentar um desempenho excepcional numa partida de futebol americano. Perguntei-lhe qual fora sua grande motivação, ao que respondeu: "Não viu, meus pais estavam assistindo." Ele os honrou com seu esforço excepcional no campo de futebol.

Enquanto conversava com um casal de pais, faz pouco tempo, a mãe comentou que não se preocupava quando os filhos chegavam ocasionalmente tarde em casa. E ela explicou: "Eles sempre telefonam quando vão chegar tarde. Sempre sei onde estão e o que fazem." Ela estava sendo honrada pelos filhos e filhas.

Lembro-me de uma estudante universitária obrigada a tomar uma decisão difícil. Tendo uma consideração toda especial pelos pais, pediu-lhes conselho. Depois de ouvi-los com atenção, tomou uma boa decisão que influenciou o resto de sua vida. Ela honrou os pais.

Honrar é uma simples palavra, que significa prestar tributo e respeito todo especial. Significa corresponder aos ensinamentos dados com paciência e carinho. Toda família em que os filhos honram pai e mãe é mais feliz. A tão citada declaração do Presidente Abraão Lincoln: "Tudo que sou ou espero ser um dia, devo a minha mãe", poderia ser repetida sinceramente por quase todos os adolescentes da Igreja. Muito do que são ou esperam vir a ser, vocês devem aos pacientes ensinos, incentivos e ações de seus pais, ou daqueles que os substituem.

Honrem pai e mãe todos os dias, agradecendo-lhes tudo de justo que fizeram por vocês.

MORMONISMO

Em cada mil habitantes do mundo, um é mórmon. Se cada um de nós conseguisse ajudar a converter mil, quão melhor seria o mundo. Mas é melhor começarem agora, porque quando terminarem de converter seu milhar, alguns de nós talvez precisemos de ajuda para converter o restante.

Aqui estão os seus 1.000

O Sonho de Cody

Richard M. Romney

Desde os quatro anos, Cody Carr já sabia que queria ser astronauta. Ele tinha um cofrezinho em forma de nave espacial, e sempre que nele colocava

seu dinheirinho do dízimo ou outra moeda, acendia-se uma luz como se os foguetes disparassem. Quando chegou à idade escolar, seus colegas o arreliavam como pretenso futuro astronauta, mas para Cody era assunto sério. Era justamente a época em que se iniciou o programa de naves espaciais tripuladas, e ele não perdia um minuto de qualquer lançamento.

Obviamente, seu outro grande interesse era a astronomia. Tendo ganho um telescópio no Natal, levantava-se às três ou quatro da madrugada para observar os astros. "O céu noturno sempre me fascinou", diz ele. "O universo inteiro é criação de Deus, mas conhecemos muito pouco a respeito dele. Pensei muitas vezes que se houvesse mais uma fronteira, eu gostaria de explorá-la. Mas a única fronteira que resta é o espaço exterior e só existe uma maneira de lá chegar, ser um astronauta."

Na escola, Cody fazia todos os cursos de ciências e eletrônica que podia. "Não que achasse que a eletrônica tinha muito a ver com exploração espacial, mas foi uma sugestão de papai e eu adorei!" Numa competição estadual de eletrônica, ele foi um dos finalistas.

A meta de tornar-se astronauta incluía o objetivo de ingressar na Academia da Força Aérea. Durante o curso colegial procurou aconselhar-se com os pais, e orava a cada passo que dava. Ele tinha três grandes metas na vida. A primeira, guardar todos os mandamentos do Pai Celeste. Segunda, cumprir missão de tempo integral. "Durante toda a vida falamos da missão e do que lhe dizia respeito. Nunca se dizia 'se você cumprir missão' e sempre 'quando você cumprir missão'." Sua terceira grande meta era casar-se no templo.

"Toda noite, antes de dormir, mamãe ou papai passavam pelo nosso quarto e perguntavam a cada um de nós: 'O que você quer da vida? O que quer fazer? O que pretende ser?' Aqueles momentos de reflexão realmente me ajudaram a conservar o rumo certo. Todas as

Ilustrado por Michael Rogan

noites eu repetia, respondendo, essas três metas e às vezes outras, como o plano de ser astronauta, mas sempre as três. Conversávamos a respeito do que precisava fazer para alcançar essas metas, e depois sobre quaisquer problemas ou dúvidas que tinha."

Mas duas das metas de Cody eram conflitantes. Para cumprir missão teria de abandonar a academia ao fim do primeiro ano, e na Força Aérea não havia licença para sair em missão. Se saísse, provavelmente não poderia voltar. A volta implicaria nova indicação, e o mero fato de haver desistido prejudicaria a oportunidade de readmissão.

Cody continuou com os preparativos. Todas as noites corria de seis a oito quilômetros para manter-se em forma. No penúltimo ano do colegial, passou um dia inteiro fazendo exames vestibulares para a universidade, uma prova de aptidão para a Força Aérea e exames de aptidão física. Além disso foi entrevistado e avaliado com vistas a seu potencial de liderança.

O primeiro ano na academia não foi apenas esperar o chamado para a missão. "Foi duro", lembra Cody. "Depois dos primeiros quatro meses, comecei a perguntar-me: 'É isto mesmo que você espera da vida?' Mas lembrava-me das confirmações recebidas através do Espírito Santo. Eu sabia que estava fazendo as coisas em seu devido tempo e ordem, conforme diz o Presidente Kimball. Orei, e o plano foi confirmado. Sabia estar onde deveria estar, e isto de fato me ajudou."

Aproximando-se o fim do primeiro ano, Cody teve de confirmar consigo mesmo a decisão de ir em missão. Sobreviver ao pior ano da academia e depois desistir de tudo exigiu muita coragem. Além disso, provavelmente implicaria desistir do tão acalentado sonho de astronauta. "Eu, porém, já havia tomado essa decisão oito anos antes. Não tinha dúvidas sobre o que ia fazer, por mais que doesse."

Durante os feriados escolares de primavera, em março, Cody foi entrevistado pelo bispo e pelo presidente da estaca a respeito da missão. E no fim do verão, após o treinamento SERE (sobrevivência, evasão, resistência e escape), pediu desligamento. Como todo cadete que resolve deixar a academia, ele foi entrevistado por diversos conselheiros e oficiais. "Todos eles me crivaram de perguntas", conta Cody, "mas assim que lhes expunha minhas razões, sua atitude mudou. Todos externaram respeito pelas pessoas SUD que conheciam e, quando lhes disse que tentaria ser readmitido, o que por si já era um choque, mostraram-se satisfeitos." Sua declaração escrita incluiu uma explicação minuciosa do que é a missão e por que pretendia cumpri-la. O oficial que tinha de assinar o documento como testemunha, comentou: "Nunca li coisa igual em minha vida. É isso mesmo que você acredita?"

"Muitos deles não conseguiam compreender", explica Cody, "mas mesmo assim aceitaram minha decisão. Raramente se haviam sentido assim antes."

Em maio, Cody recebeu o chamado para a Missão Suíça Zurique; em agosto entrou no CTM. Concentrar-se nos estudos era sua segunda natureza, e estava acostumado a obedecer. "Queria utilizar bem meu tempo, pois sabia o alto preço que estava pagando por ele."

A princípio, a possibilidade de não ser readmitido na academia o preocupava. Finalmente conseguiu deixar de preocupar-se e entregar tudo nas mãos do Senhor. Além do mais, a obra missionária tinha seus próprios desafios. "Nos primeiros seis ou sete meses, eu desempenhava minhas obrigações mecanicamente. Sabia que a Igreja era verdadeira e que a obra era importante, mas não gostava dela como deveria. Meu treino na academia ajudou-me muito; eu estava acostumado a fazer coisas difíceis. Esforçava-me e orava diariamente para que o trabalho se transformasse de fardo em alegria. No prazo de uma semana, minha atitude mudou completamente. De repente fiquei mais feliz; trabalhava por prazer e não por obrigação. Soube que minha missão valia o sacrifício, ainda que não fosse readmitido na academia."

Então recebeu uma carta de casa contando que Ted Parsons, outro cadete que se desligara da academia para cumprir missão, fora readmitido! Quem sabe ele teria a mesma sorte!

Cody submeteu-se aos necessários exames numa base militar dos Estados Unidos. O presidente de missão abençoou-o. Disse que, como cumprira uma missão honrosa, o Senhor o ajudaria a conseguir o que pretendia.

Pouco após a bênção, Cody sofreu um acidente de bicicleta, fraturando o nariz no guidão. "Os requisitos de qualificação na academia são rigorosos. Um impacto igual àquele normalmente destruiria os requisitos físicos para piloto. Se tivesse levado a pancada na testa, olhos ou mesmo nos dentes, provavelmente estaria desqualificado." Cody está convencido que teve proteção divina.

Quando chegaram os resultados das provas, mostraram contagem superior aos da primeira vez, o que era muito bom devido à competição mais acirrada.

"Fiz tudo que podia. Certifiquei-me de que, quanto à minha parte, tudo estava em ordem. O resto, deixei nas mãos do Senhor", diz Cody.

Cody foi novamente indicado por seu senador. Sua fé valera a pena. Duas semanas depois de chegar da Suíça e dois anos após a saída de Colorado Springs, Colorado, Cody Carr reingressou na Academia da Força Aérea. Seu sonho de tornar-se astronauta continuava intacto, ao lado de suas outras metas de guardar os mandamentos, casar-se no templo e continuar sendo um missionário.

Provar a Doçura de Servir

Janet Thomas

A frágil senhora vietnamita encontra dificuldade em retirar o peru do congelador do supermercado. Depois de examiná-lo bem, o marido se volta com um sorriso rasgado para duas garotas americanas que estão a seu lado, e pergunta "Galinha?" O grupo cai na risada. Então as garotas tentam explicar-lhe em inglês elementar que aquilo não é uma galinha gigante, mas um peru.

As garotas pertencem à Estaca Riverside na Cidade do Lago Salgado, Utah. Como parte de um projeto de serviço, estão patrocinando uma família vietnamita. Uma de suas tarefas era familiarizar o casal com os supermercados americanos. "Nossa primeira ida com eles à mercearia foi realmente memorável", conta Laurie Sperry. "Como nos divertimos."

O patrocínio da família de refugiados envolveu várias mocinhas. Ajudaram a encontrar uma moradia adequada, angariaram roupas e camas, matricularam as crianças na escola e mostraram a cidade à família.

"Embora não nos pudéssemos comunicar com palavras," diz Laurie, "podíamos sentir sua gratidão."

As garotas da Estaca Riverside provaram, assim, a doçura de servir. E o que principiou como projeto de serviço transformou-se numa amizade prestativa e desinteressada.

Esse serviço gostoso foi repetido com inúmeras variações por doze estacas do Vale do Lago Salgado, que apresentaram os resultados conseguidos a membros presentes e passados da Junta Geral das Moças, reunidas para celebrar o 112º aniversário da organização. Os projetos abrangeram desde trabalhar com crianças excepcionais até cuidar de idosos da comunidade.

As garotas da Ala East Millcreek IV "anotaram" seus atos de caridade num vidro de balas. Semanalmente, colocavam uma bala por serviço prestado naquela semana. À medida que o vidro se ia enchendo, as meninas lembravam-se da doçura de servir. Quando ficou cheio, escolheram uma família para presentear o vidro, explicando que cada bala representava um ato de caridade.

A Estaca Holladay da Cidade do Lago Salgado dedicou-se a um projeto para jovens deficientes. Suzanne Hardman, da Ala XI, conta: "Ajudamos a dar aulas no programa das Moças. As garotas deficientes sempre ficavam tão contentes quando nos viam. São tão especiais que a gente sente vontade de ficar com elas." Muitas garotas da Estaca Holladay continuaram prestando serviço a deficientes.

Na Primária para crianças excepcionais, as garotas tinham de trabalhar com os pequenos individualmente. "Nós adoramos ir lá," diz Carrie Nielson da Ala I, "porque nos sentimos tão queridas e seguras. Parece até que eles nos prestaram um serviço."

Várias estacas decidiram servir os membros mais idosos de sua área. Na Estaca Holladay Norte, cada classe das Moças adotou uma "vovó" ou "vovô" durante um ano. Revezavam-se em cuidar da condução deles e da limpeza da casa. Além disso, as mocinhas gravaram a história pessoal das pessoas ido-

sas. Depois transcreveram as gravações e forneceram uma cópia datilografada a cada "vovô" e "vovó", além de outras suficientes para seus filhos.

As estacas de Ogden, Utah, prestaram um serviço que não apenas deleitou milhares de visitantes da Praça do Templo na Cidade do Lago Salgado durante a temporada do Natal, mas proporcionou alegria a muitas crianças de Israel. As moças confeccionaram bonecas de pano vestidas com trajes típicos dos mais diversos países. As bonecas foram presas com fitas vermelhas nas árvores de Natal dos dois centros de visitantes da Praça do Templo. Cada garota pesquisou o país que sua boneca iria representar, procurando dar a maior autenticidade possível ao seu traje. A seguir pregou bilhete com seu nome e endereço na boneca.

Após o Natal, as bonecas foram transportadas para Israel e entregues a crianças árabes órfãs de Belém. A primeira boneca entregue coube a uma menina de óculos chamada Ikhlass, que se agarrou a ela o dia inteiro, não querendo largá-la nem para brincar, comer e dormir.

Donalyn Lewis, da Estaca Cannon Salt Lake, descobriu que servir aumentou seu auto-apreço. Depois de participar de um projeto de assistência a membros idosos da ala, Donalyn declarou: "Eles me fazem sentir como se fosse uma pessoa especial." E Kara Nelson, da Estaca Holladay Salt Lake, descobriu os efeitos duradouros e profundos do servir, dizendo: "Para se poder amar alguém, é preciso conhecê-lo."

O serviço desafia as leis do dar e tomar, pois beneficia tanto quem dá como quem recebe. A doçura do servir é sentida por ambos. Satisfaz os necessitados e satisfaz quem os serve. Prove a doçura do servir.

O que você e seus companheiros de classe, quorum, estaca ou distrito estão fazendo para servir seus semelhantes? Gostaríamos de publicar as melhores histórias sobre projetos de serviço realizados por jovens de todo o mundo. Entretanto, precisamos de sua ajuda. Se seu grupo estiver envolvido num projeto de serviço em sua comunidade, num hospital ou orfanato, em favor de uma pessoa necessitada, ou seja qual for, gostaríamos de ser informados. Mande-nos a história e boas fotos (de preferência em preto e branco). Não se esqueça de incluir pormenores, particularmente declarações sobre o que sentem os participantes do projeto e as reações dos beneficiados. Envie sua história à *Divisão de Tradução,* C.P. 26023, São Paulo, S.P., até 30 de junho de 1983.

As histórias deverão estar datilografadas. No verso de cada foto, cole um bilhete com o nome e endereço da pessoa à qual deverá ser devolvida. (Datilografe ou escreva em letra de forma.) Além disso, numere cada foto e, numa folha à parte, repita o número e ao lado anote o que está acontecendo e nome das pessoas que nela aparecem; nomes completos, por favor. (Observação: Se você escrever diretamente no verso da foto com caneta ou esferográfica, a marca dos traços aparecerá na foto.)

O Que Há de Errado em Ser "O Povo Adquirido"?

Élder William Grant Bangerter do Primeiro Quorum dos Setenta

Umas das grandes passagens de escritura encontra-se em I Pedro, onde nos diz que espécie de gente devemos ser. E penso que se aplica muito especialmente aos jovens: "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que nos chamou das trevas para sua maravilhosa luz." (I Pedro 2:9.)

Não sei se todos os jovens compreendem o que se espera deles como membros da Igreja de Jesus Cristo. Nós somos a geração eleita, tendo sido chamados do mundo para o conhecimento da restauração do evangelho para viver estritamente de acordo com os princípios do Evangelho de Jesus Cristo. Ao sermos abençoados e selados pelas ordenanças do evangelho, tornamo-nos o sacerdócio real para os outros povos da terra.

"E farei de ti uma grande nação, e te abençoarei sobremaneira e farei teu nome grande entre todas as nações, e serás uma bênção a tua semente depois de ti, para que em suas mãos levem este ministério e sacerdócio a todas as nações." (Abraão 2:9.)

Tornamo-nos uma nação santa pelas bênçãos que nos são administradas, a partir do nosso nascimento quando recebemos um nome e uma bênção sacerdotal. A seguir, recebemos a bênção do batismo e confirmação na Igreja, seguida, no devido tempo, pela bênção patriarcal destinada a nos guiar e dirigir no caminho da vida. Aos rapazes é conferido o Sacerdócio Aarônico, que mais tarde é ampliado quando são abençoados com o Sacerdócio Maior. As mulheres recebem as bênçãos do sacerdócio no lar, na ala, no casamento e no templo. Todos os membros da Igreja têm direito a bênçãos especiais ministradas por seu pai, na administração aos enfermos e em várias outras ocasiões. Isto nos torna uma nação santa.

A última parte das palavras de Pedro diz que somos um povo adquirido. Não sei se agradaria a todos os jovens se eu dissesse que isso pode significar "diferente" o que nem sempre é um termo lisonjeiro. Mas o fato é que não somos

iguais aos outros e devido a essa diferença, muitos nos chamam de "quadrados".

Muitas experiências me ajudaram a compreender que ser considerado "quadrado" não é tão ruim assim. Estas experiências aconteceram enquanto servia na Força Aérea durante a II Guerra Mundial. Embora não houvesse chegado às zonas de combate propriamente ditas, durante esses quatro anos convivi com muitos homens que não eram membros da Igreja. Praticamente o tempo todo, tive apenas uns poucos companheiros de armas que pertenciam à Igreja. Aprendi a pilotar, depois passei a instrutor e meu relacionamento com os companheiros foi sempre agradável. Descobri que os moços com quem convivia eram geralmente ótimas pessoas, e embora houvesse freqüentemente brincadeiras e caçoadas entre nós, jamais fui ridicularizado por ser SUD. Pelo contrário, percebi que meus companheiros me respeitavam apesar de não viverem segundo os meus padrões.

Minha vivência militar deu-se depois de ter voltado da missão. Meus companheiros sabiam que fora um missionário, o que, para eles, era o mesmo que ministro religioso. Lembro-me ainda de um companheiro vindo do Tennessee, meu vizinho de barraca, que ficava olhando para mim com olhar admirado. Quando lhe perguntei qual era o problema, replicou: "Não consigo acreditar. Em minha infância, os ministros eram pessoas tão respeitadas que mal se ousava falar com eles, e agora estou dormindo ao lado de um."

Quando meus companheiros faziam coisas que os santos dos últimos dias não aprovam, como fumar, beber, blasfemar ou cometer atos imorais, era evidente que não se importavam com o que o Senhor gostaria que fizessem. Nos momentos de tensão, entretanto, sua atitude mudava. Lembro-me de quando um desses rapazes, não muito impressionado com a vida de um ex-missionário, foi convocado para o chamado vôo eliminatório. Ele sabia perfeitamente que se falhasse naquela prova, estaria eliminado da Força Aérea dos Estados Unidos. Procurou-me com atitude solene e pediu baixinho com lágrimas nos olhos: "Bill, por favor, ore por mim. Eu preciso muito."

Certo dia, meu instrutor de vôo estava dando uma explicação a cinco de nós na sala de instruções. A fim de explicar determinada manobra, dirigiu-se ao quadro-negro. Como estava fumando, entregou-me o cigarro para que o segurasse enquanto fazia a demonstração. Assim tive o duvidoso privilégio de segurar meu primeiro cigarro. Terminada a demonstração no quadro-negro, retomou seu cigarro e

disse: — Sr. Bangerter, desculpe por dar-lhe o cigarro. Sei que não fuma, não é?

— Não fumo, não senhor.

— Também não bebe?

— Não, senhor.

— Toma chá?

— Não, senhor.

— Toma café?

— Não, senhor.

Então, voltando-se para os outros quatro, disse:

— Bem, senhores, esta é a Palavra de Sabedoria. E se a seguíssemos, todos estaríamos em bem melhores condições.

Vocês percebem como fiquei edificado pela experiência.

Noutra ocasião, eu estava voando com meu comandante de esquadrilha. Eu tinha uns vinte e três anos e ele quarenta. Era pessoa fina e educada. Terminado nosso vôo, estávamos taxiando para o estacionamento quando um outro avião passou por nós de maneira que meu comandante não gostou. Dando uma olhada no outro piloto, comentou com voz irritada:

"Onde esse... pensa que vai!"

Estacionamos o avião, desligamos o motor e quando estava para sair do avião, virou-se para mim e disse: "Sr. Bangerter, sinto muito o que falei. No momento me esqueci que era o senhor que estava comigo."

Obviamente percebi no decorrer do tempo que era considerado diferente. Alguns talvez me tenham achado esquisito. As pessoas, entretanto, com quem convivia, seguidamente externavam sua admiração por minha maneira de viver. Nunca fui obrigado a quebrar meus padrões, deixar de usar o garment ou justificar-me por ser SUD. Mais de uma vez, durante nosso treinamento, meus companheiros se reuniram para alguma comemoração ou jantar de despedida, invariavelmente regado a bebidas alcoólicas. Antes do jantar, alguns companheiros me procuravam com o pedido de guiar o carro deles na volta, por não poderem confiar em si próprios.

Posso afirmar honestamente que jamais um não-membro da Igreja procurou induzir-me a quebrar meus padrões. As únicas pessoas que alguma vez tentaram coagir-me a abandonar meus princípios ou me ridicularizaram por causa de meus padrões foram membros inativos da Igreja.

Sei que é uma bênção poder defender os princípios da verdade e retidão. As pessoas que dão valor ao seu caráter e reputação consideram-se honradas em pertencer à geração eleita e serem conhecidas como representantes de um povo diferente e nobre. Espero encontrar sempre jovens que sejam diferentes, quadrados. São pessoas firmes, solidamente fundamentadas.